
Cartas entre Freud e Pfister
Sigmund Freud e Oskar Pfister,
trad. de Karin Hellen K. Wondracek e Ditmar Junge
Viçosa-MG, Ultimato Editora
1998

Diálogos à beira de abismos

José Luiz Caon

O leitor luso-brasileiro pode ter acesso à correspondência completa entre Freud e Pfister ainda neste outono. Aquele que procurar complementaridades entre esses dois escritores ficará certamente decepcionado. Entre Freud e Pfister existe um abismo infinito e para sempre assintótico. Entretanto, em lados opostos, das beiras desse abismo e não de suas profundezas sem fim, um e outro travam um diálogo, sempre posto à prova, mas sempre bem-sucedido. É um diálogo à beira de abismo, um duelo de tolerâncias, uma aliança de sobreviventes na busca de esperanças divisadas bem além do abismo intransponível...

A cena de um Freud e de um Pfister, sentados, durante mais de 30 anos, nas margens opostas de um abismo, pode ser plástica e simplória demais. Porém, dessas posições, um e outro, por meio da linguagem realizada em escritura de cartas, produzem laços, do tipo *Hilfskonstruktionen*, isto é, construções auxiliares. Esse termo, tomado por Freud de Theodor Fontane, aparece na vigésima-terceira conferência de introdução à psicanálise, sob o título: “O curso da formação de sintomas” (Freud, 1915-1916a), e na segunda seção de “O descontentamento na cultura”, *Das Unbehagen*

in der Kultur (Freud, 1930a). Em metapsicologia, a dificuldade de conceptualização é tão desafiadora que, como em outras atividades de pesquisas abissais, de confins, ou de ponta, não podemos não utilizar “construções auxiliares”, *Hilfskonstruktionen*.

Em 1930, como um Beethoven alegre, mas imerso em inumeráveis descontentamentos, Freud escreve: “A vida, tal como nos é inflingida, é demasiadamente difícil para nós, traz-nos demasiados sofrimentos, desilusões e tarefas insolúveis. Não podemos passar sem calmantes para suportá-la. (Isso não anda sem construções auxiliares, disse-nos Theodor Fontane).” E Freud elenca três desses meios auxiliares: 1. aqueles que são “diversões poderosas (*mächtige Ablenkungen*) permitindo-nos fazer pouco de nossas infelicidades”; 2. aqueles que são “satisfações substitutivas (*Ersatzbefriedigung*) que as minimizam”; enfim, 3. aqueles que são “tóxicos (*Rauschstoffe*) [de todos os tipos] tornando-nos insensíveis a eles”. Esses três meios são apropriações freudianas dos versos de Goethe, citados por Freud, algumas linhas antes, na segunda seção de *Das Unbehagen in der Kultur: / Wer wissenschaft und Kunst besitzt, / hat auch Religion; / Wer jene beiden nicht besitzt, / der habe Religion! (Aquele que tem ciência e arte, / também tem Religião; / Aquele que não tem nenhuma das duas, / que tenha Religião!* Diz-se que Marx comparava aquilo que conhecia como religião a ópio do povo. Aqui, o leitor pode comparar a idéia de Marx com a que Freud faz daquilo que ele também conhece como religião!

Os diálogos à beira do abismo, na correspondência entre Freud e Pfister, soam-nos, à primeira vista, como diversões poderosas e poderosas “lições de abismo”, com que também nós, desde nossa adolescência, tentamos fazer pouco de nossas infelicidades. *Lições de abismo* é um romance de Gustavo Corção, Agir, 1958.

Sentados à beira de outro abismo que separa para sempre o masculino e o feminino, lançávamos nosso olhar, dirigido por nossa escuta, aos sussurros abissais de Gustavo Corção clamando que

... dir-se-ia que é diferente, nela e em mim, e em nós outros, o mecanismo da cortesia do sexo. Nós precisamos olhar, ela precisa ser olhada. Em nós, havendo interesse, qualquer coisa sai de nós, como um dardo, ou como um laço que se atira e vai envolver a forma apetecida. Nela não; o interesse reside no nível de seu próprio corpo. Uma forma masculina, braço ou perna, pouco lhe diz. O que lhe interessa é a nossa atenção, isto é, os movimentos ainda que fugitivos com que acusamos a presença de seu campo de gravitação. É nela, nela mesma, que termina, tanto o nosso como o seu desejo. Ela fica; espera; e nós nos precipitamos. O desejo masculino é um *querer ir*; o feminino é um *querer que venha*. Não há nesse jogo dois corpos de massas equivalentes que se encontram. Ao contrário, há uma desproporção enorme... (...) Tudo isto é

evidentemente relativo, porque o sexo é mais uma predominância do que uma absoluta diferença. *Todos nós temos, escondido, um companheiro do outro sexo.* [Sou eu quem realça este período]. “É evidente a proeminência do olhar feminino nos episódios de amor. Dou um pesponto em minha doutrina, dizendo que o olhar da mulher é mais luz do que vista, é mais farol aceso no meio da noite do que telescópio de gajeiro. Ou então diria que ela não olha para ver, e sim para corresponder, para encorajar, para adensar as linhas de força do seu campo, ou para retribuir o telegrama com resposta paga do olhar masculino. (Gustavo Corção, *Lições de abismo*, pp. 149-151)

Um instrumento comum usado por Freud e Pfister, dois geniais pesquisadores psíquicos de ponta, portanto metapsicólogos, é a língua alemã e a psicanálise, com seu método, técnica e teoria. A psicanálise é a luneta galileana de Freud que Pfister também utiliza. Entretanto, o que ambos vêm é diferentemente empregado, aproveitado e visto pelo outro, em suas vidas.

Em si, a psicanálise não é religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o homem religioso como o homem a-religioso poderá servir-se, desde que aconteça tão-somente a serviço da libertação dos sofredores. (Freud, carta 2, de 9.2.1909)

Mas, há mais. Há uma aliança, um pacto, isto é, uma paixão entre eles: a confiança, essa *emunah* ou verdade, em hebraico, que lhes permite o paradoxo de um dizer para o outro de sua desconfiança de um em relação ao outro. Isto é, que um não olha para o outro “para ver, e sim para corresponder, para encorajar, para adensar as linhas de força do seu campo, ou para retribuir o telegrama com resposta paga do olhar” do outro. Vejamos, como exemplos: Pfister: “Gosto de uma folha de papel limpa e o gosto de manteiga fresca. Porém, manchas de manteiga sobre uma folha branca não satisfazem nem meu olho, nem meu estômago (Pfister, carta de 14.3.1921). Freud: “Realmente tem de ser possível, entre nós, que possamos nos dizer verdades, isto é, rudezas, e que nisto permaneçamos de bem um com o outro...” (Freud, carta de 20.3.1921). Isso não é um triunfo da humanidade para além do teísmo ou do ateísmo? Há modelo melhor para os pesquisadores de ponta em transdisciplinaridade, onde a tarefa de um é lançar problemas no campo do outro, já que é de problemas que vivem as pesquisas de ponta? Outrossim, não é esse o tipo de amizade entre dois homens que ilustra a confiança de Freud a Ferenczi, dizendo-lhe que apesar da homossexualidade (*todos nós temos, escondido, um companheiro do outro sexo*) podemos triunfar lá onde o paranóico fracassa? De fato, em carta de 6 de outubro de 1910, Freud escrevia a Ferenczi:

Eu não tenho mais esta necessidade de abertura total da personalidade, você não apenas o tem observado como também entendido, e você remontou

justamente à causa traumática desse estado de coisas. Então, por que você ficou tão teimoso? Depois do caso Fliess, no ultrapassamento do qual você me viu precisamente ocupado, essa necessidade extinguiu-se em mim. Uma parte do investimento homossexual foi retirado e utilizado para o crescimento de meu eu próprio. Tive sucesso lá onde o paranóico fracassa.

A maioria das cartas são de Freud. De 1909 a 1913, são 40 cartas, de um e de outro, freqüentemente hesitantes, entremeadas, aqui e acolá, de fragmentos de saber, verdadeiras chispas de sabedoria apanhadas *in statu nascendi*, num linguageiro impecável do cotidiano. Por exemplo:

O êxito continuado da psicanálise seguramente depende da ocorrência de dois resultados: que haja descarga de satisfação, dominação e sublimação da pulsão recalcitrante. (...) O senhor certamente não duvida de que seu sucesso é alcançado através do mesmo caminho que o nosso, ou seja, através da transferência erótica à sua pessoa. (Freud, carta 2, de 9.2.1909)

Uma ressonância desse ensinamento sobre a transferência vai ser plasticamente enunciada por Pfister, na carta de 5.9.1930: "...até por trás da matemática tem de estar o amor às pessoas, senão surge a feia imagem do homem de números".

Quanto à redação e publicação das pesquisas psicanalíticas, Freud é claro e combate ao mesmo tempo a trivialidade e seu extremo, a elaboração definitiva:

Jung deixou-me ontem à noite, mas obviamente não pude censurá-lo por sua causa, porque o senhor somente fez a mesma coisa que ele e também eu, isto é, publicar conforme o estado momentâneo de conhecimento, para depois modificá-lo de acordo com o seu avanço. Nisto todos nós trazemos ao leitor inculto o suficiente em novidades, e mais do que ele está disposto a assimilar. Contudo, o valor dos nossos trabalhos deve residir em que eles não contenham nada que seja aceito por força de autoridade, mas o que pode ser apresentado como resultado de penosos trabalhos próprios. (Freud, carta de 30.3.1909)

E os prazos, geralmente acadêmicos, que podem ordenar a atividade intelectual, mas, invariavelmente, podem também retirar-lhe o prazer, são vigorosamente repudiados: "Não suporto de jeito nenhum o trabalho com prazo marcado. Aí já deixa de ser um deleite, aí se transforma num trabalho, como tudo o mais que se faz durante o dia." (Freud, carta de 14.12.1911).

Mais inspirador ainda, são as concepções de Freud sobre a produção do texto: "Realmente sou bastante ignorante a respeito dos meus precursores na interpretação de sonhos... Mas, traz tanta satisfação interrogar a coisa em si, em vez de interrogar a literatura sobre ela." (Freud, carta de 12.7.1909). Ainda: "Por mais imprescindível que seja o conceito para diversas práticas e demonstrações, quando faz teoria, deve-se sempre pôr em lugar do conceito o

que está por detrás dele, não partindo diretamente dele, pois é demasiado vago e inadequado.” (Freud, carta de 10.1.1910). Nisso vê-se a importância da gênese do texto e daquilo que Freud chamará de especulação metapsicológica.

Em 6.3.1910, Freud trata, num único parágrafo, dois temas que manterão certamente impressionado o leitor, como mantiveram interessado o próprio Pfister:

Não consigo imaginar como algo agradável viver sem trabalhar. Fantasias e trabalhar coincidem para mim; nenhuma outra coisa me agrada tanto. Este seria um indício de felicidade se não se interpusesse o pensamento assustador de que a produtividade depende totalmente de uma disposição muito delicada. Que se pode fazer num dia ou num tempo em que os pensamentos falham e as palavras não querem comparecer? Não consigo livrar-me de um tremor diante dessa possibilidade. Por isso, mesmo rendendo-me interinamente ao destino como convém a uma pessoa honesta, tenho um pedido secreto: de modo algum uma enfermidade prolongada, nenhuma paralisia da capacidade produtiva por um sofrimento corporal. Morramos dentro da armadura, como diz o rei Macbeth.

Em 12.12.1939, Pfister transcreve essa passagem para a viúva de Freud, rematando: “Realizou-se, pois, pelo menos o desejo de acuidade intelectual, de uma morte na armadura régia do pensador.

A didática psicanalítica de produção de textos, em que o pesquisador psicanalítico refunda a experiência psicanalítica gestada no divã, exige subversão. Freud confia isso a Pfister:

Acho, portanto, que a análise sofre do mal hereditário da ... virtude. Ela é a obra de um homem decente demais, que também se sabe comprometido com a discricção. Acontece que essas questões psicanalíticas somente são compreensíveis numa certa totalidade e minuciosidade, assim como a própria análise só anda quando o paciente desce das abstrações substitutivas para os pequenos detalhes. A discricção, portanto, é incompatível com uma boa configuração e de uma análise. A gente precisa tornar-se um mau sujeito, jogar-se fora, abandonar, trair, comportar-se como um artista que compra tintas com o dinheiro do orçamento doméstico da esposa, ou aquece o ambiente para o modelo queimando os móveis da casa. Sem tal dose de criminalidade não há produção correta. (Freud, carta de 05.06.1910)

Quando Adler resiste definitivamente perante a teoria da sexualidade e Pfister hesita, Freud lança mão de argumentos usando as palavras de Paulo, Apóstolo:

As teorias de Adler afastavam-se demais do caminho correto. Era hora de fazer oposição a isto. Ele esquece as palavras do apóstolo Paulo, cuja formulação exata o senhor conhece melhor do que eu... ‘se vocês não tiverem amor’... [Adler] criou para si um sistema mundial sem amor, e eu estou executando contra ele a vingança da ofendida deusa Libido. (Freud, carta de 26.2.1911)

Ainda, com interesse pedagógico, na carta de 11.3.1913, Freud anuncia ao amigo a redação de “O interesse na psicanálise”. Nesse trabalho, Freud leva a psicanálise a diferentes campos de pesquisa universitários, a saber: para a psicologia, ciências da linguagem, filosofia, biologia, teorias do evolucionismo, história da civilização, estética, sociologia e, por fim, para a pedagogia que, como sabemos, é campo específico de Pfister. Segundo Strachey, Freud teria dedicado, numa derradeira afirmação, um reconhecimento a Pfister: “Tudo o que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses no indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida.” (Imago, *ESB*, vol. XIII, pp. 225-256 e nota).

Pfister não poderia não dizer a verdade a seu amigo, quando não se poupava de lhe escrever coisas assim:

Em primeira linha quero ajudar a vencer o sofrimento, e posso fazê-lo melhor direcionando o povo para os analistas, do que me batendo com o bando de psicólogos e pedagogos bitolados. (Pfister, carta de 3.4.1922)

Mais tarde, refere-se também aos teólogos:

É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável. Há mais de dezoito anos estou no trabalho. Os pedagogos aceitaram muitas coisas e de todos os lados ouço que a análise vai ocupando cada vez mais o centro dos interesses. Os teólogos envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem mais com o bem-estar psíquico dos laicos – e o seu próprio. (Pfister, carta de 10.9.1926)

Passado o interregno da Primeira Grande Guerra, provavelmente sem correspondência entre os dois amigos, constata-se que Pfister “ainda” continua hesitando perante a teoria sexual de Freud. Esse não faz rodeios e escreve-lhe:

Estou insatisfeito com um ponto, a saber: o seu desacordo com minha “teoria sexual e minha ética”, isto é, da última eu até abro mão; para mim a ética encontra-se distante, e o senhor é cura de almas. Não quebro muito a cabeça sobre o bem e o mal, mas em média tenho encontrado nas pessoas pouco “bem”. Na minha experiência, a maioria é ralé, tanto faz se professam abertamente esta, aquela ou nenhuma corrente ética. Isto o senhor não pode dizer em voz alta, talvez nem mesmo pensá-lo, embora suas experiências de vida dificilmente possam ter sido diferentes das minhas. Quando se insiste em falar de ética, eu me professo partidário de um ideal elevado, do qual a maioria dos que conheço lamentavelmente fica distante. Entretanto, o que há com a teoria sexual? Como pode ocorrer ao senhor negar a decomposição da pulsão sexual em pulsões parciais, à qual a análise nos obriga diariamente? Seus argumentos contra ela realmente não são fortes. O senhor não vê que a multiplicidade

dessas pulsões remonta à multiplicidade dos órgãos, que são todos erógenos, isto é, no fundo todos têm o anseio de se reproduzir no organismo vindouro? E o fato de que todos os órgãos se reuniram numa unidade viva, de que se influenciam mutuamente, se apóiam ou freiam, e de que mesmo no seu desenvolvimento permanecem dependentes uns dos outros, foram capazes de impedir a anatomia de estudá-los ou descrevê-los separadamente, ou de impedir a terapia de atuar sobre um órgão isolado, que preponderantemente se tornou a sede do processo enfermante ou seu agente? É possível que a terapia interna freqüentemente tenha se esquecido desta correlação dos órgãos; a psicanálise empenha-se para não perder de vista esta conexão da vida pulsional sobre a separação das pulsões isoladas. Na ciência, primeiro se precisa decompor, depois reunir. Parece-me que o senhor quer uma síntese sem a análise prévia. Na técnica psicanalítica não se precisa de um trabalho especial de síntese; isto o indivíduo autonomamente providencia melhor que nós. (Freud, carta de 9.10.1918)

Entretanto, aquilo que separou Adler de Freud não separará Pfister de Freud. O que Éros ou Cháritas une entre os dois, teoria nenhuma, por mais diferente que seja, vai separar.

As cartas depois dos anos 20, centram-se predominantemente sobre o tema religião. Os argumentos de ambos os lados serão devastadores e o anseio de se pôr um no lugar do outro é extremamente curioso. Freud:

178

Em termos terapêuticos, só posso invejá-lo quanto à possibilidade de sublimação em direção à religião. Mas a beleza da religião certamente não pertence à psicanálise. É natural e pode permanecer assim que, na terapia, nossos caminhos se separem. Bem à parte, porque nenhum de todos estes devotos criou a psicanálise, por que foi necessário esperar por um judeu completamente ateu? (Freud, carta de 9.10.1918)

Pfister:

Por fim a pergunta: “Por que não foi um devoto, mas um judeu ateu que descobriu a psicanálise?” Ora, porque devoção não é gênio de descobridor, e porque os devotos em boa parte não foram dignos de produzir esses resultados. Aliás, o senhor primeiramente não é judeu, o que lamento muito na minha admiração desmedida de Amós, Isaías, Jeremias, do poeta de Jó e de Eclesiastes, e, em segundo lugar, o senhor não é ateu, pois quem vive para a verdade vive em Deus, e quem luta pela libertação do amor permanece, segundo 1 João, 4, 16, em Deus. Se o senhor se conscientizasse e experimentasse a sua inserção nos processos mais simples, o que a meu ver é tão necessário como a síntese das notas de uma sinfonia beethoveniana para formar a totalidade musical, eu gostaria de dizer também do senhor, “jamais houve cristão melhor”. (Pfister, carta de 29.10.1918).

Declarações contundentes de ambos os lados e para todos os lados sucedem-se. Por exemplo:

Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis. (...) Não poderia imaginar que uma declaração pública sua me pudesse melindrar, sempre achei que cada um deve dizer sua opinião honesta de modo claro e audível. O senhor sempre foi paciente comigo, e eu não o seria com o seu ateísmo? (Pfister, carta de 21.10.1927)

Numerosas passagens poderiam aqui ser trazidas para patentear o diálogo de dois pensadores radicalmente influenciados pelo pensamento judaico-cristão. Mas, não fosse a psicanálise de um e a pedagogia do outro reciprocamente intercambiadas, teríamos tido esses diálogos de abismo? Teísmo e ateísmo são posições e concepções pueris, quando, de uma ou de outra forma, repudiam ou denegam a concepção de castração, finitude e morte. Pouco de bem trouxeram à humanidade. Aquelas estão presentes, a seu modo, nas guerras religiosas antigas e modernas e no extermínio tipo Khmer Vermelho, por exemplo. Psicanálise e pedagogia, entretanto, continuam campos frutuosos daqueles que se interrogam se existe uma vida ANTES da morte.

Porto Alegre, outono de 1998